

## ARTE VESTÍVEL EM MUSEUS PAULISTANOS

*Wearable art inside São Paulo's museums*

Piccoli, Júlia; Especialista. Universidade Federal do Estado de São Paulo,  
julia.piccoli@unifesp.br<sup>1</sup>

Brandão, Angela. Doutorado. Universidade Federal de São Paulo,  
angela.brandao@unifesp.br<sup>2</sup>

**Resumo:** A fim de descobrir a existência ou não de *arte vestível* dentro dos acervos dos principais museus da cidade de São Paulo, este trabalho surge com a intenção de conscientizar sobre a importância da preservação da Moda, não apenas como um artefato histórico e cultural, mas também um exercício criativo poético de proposição de novas perspectivas e instrumento de expressão autoral.

**Palavras chave:** Arte, moda, São Paulo.

**Abstract:** In order to discover the existence or not of wearable art within the collections of the main museums in the city of São Paulo, this work arises with the intention of raising awareness about the importance of preserving Fashion, not only as a historical and cultural artifact, but also a poetic creative exercise of proposing new perspectives and an instrument of authorial expression.

**Keywords:** Art; fashion; São Paulo.

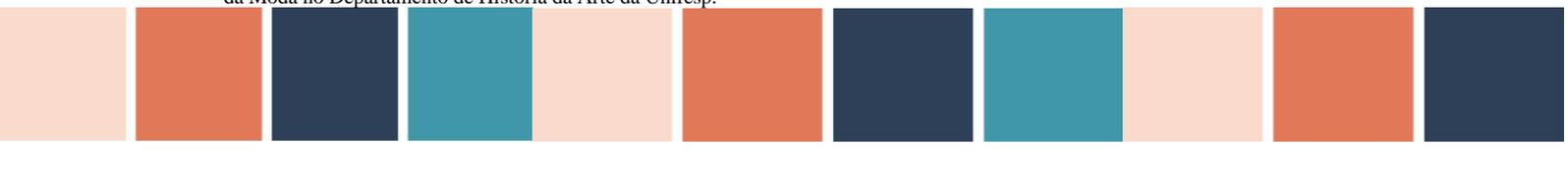
### Introdução

O vestuário, historicamente, é um item de interesse para os museus por ser um veículo de afirmação identitária e cultural, bem como representante dos valores de seu tempo. Embora este interesse das instituições museais e culturais pela importância histórica da moda, bem como seu valor enquanto herança cultural, seja indiscutível, não era comum até quarenta anos atrás que museus tivessem itens mais recentes em seu acervo ou realizassem exposições de designers vivos. Judith Clark e Amy de la Haye (2014) estabelecem que o grande marco de uma mudança no pensamento museal em relação à moda foi a exposição "Fashion: An Anthology by Cecil Beaton", realizada no Victoria &

---

<sup>1</sup> Estudante de História da Arte na Universidade Federal do Estado de São Paulo, graduada em Moda pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialista em Museologia, Colecionismo e Curadoria pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo.

<sup>2</sup> Formada em História pela UFPR, especialista em Arte e Cultura Barroca pela UFOP, mestrado em História da Arte e da Cultura pela Unicamp e Doutora em História da Arte pela Universidade de Granada, Espanha. Professora de História do Design e História da Moda no Departamento de História da Arte da Unifesp.



Albert Museum em 1971, que expôs criações de designers e casas como Balenciaga, Chanel, Dior, Givenchy, Madame Grès, Charles James e Vionnet. Outro marco foi quando, em 1983, o Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque realizou uma exposição sobre o estilista francês Yves Saint Laurent. O museu possuía apenas um único vestido e a exposição só foi possível de ser realizada porque a curadora, Diana Vreeland, pediu pessoalmente às mulheres americanas que doassem seus vestidos criados pelo designer. Isto enfatizou a importância do arquivamento de peças de moda tanto por parte das instituições culturais quanto dos próprios designers, além de lançar um olhar mais cuidadoso para a relevância da moda enquanto arte.

Popularizando-se no fim dos anos 1990, exposições e acervos de moda atualmente são comuns nos maiores museus do mundo, seja enfatizando o teor poético-artístico da *arte vestível* de criadores conceituais como Rei Kawakubo, Yohji Yamamoto, Martin Margiela, Hussein Chalayan, Viktor and Rolf, Alexander McQueen e Iris Van Herpen, seja criando retrospectivas históricas de tradicionais casas como as supracitadas Balenciaga, Dior e Chanel. John E. Buchanan Jr., diretor dos Museus de Belas Artes de São Francisco, diz que designers de moda são artistas e que, para considerar uma exposição monográfica, deve se procurar "o fator gênio", o que é seminal, aquele estilista que criou uma visão, silhueta, técnica ou estilo singular, diferente do que veio antes, que tem uma obra de amplo alcance e que inspira e influencia gerações sucessivas de designers.

### **Arte Vestível em Museus de São Paulo**

No Brasil, concentrando a pesquisa deste trabalho particularmente na cidade de São Paulo, é bastante interessante notar que a intersecção entre moda e arte começa a acontecer já na década de 1950, alavancada por uma série de eventos realizados pelo Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriand", como consta nos documentos cedidos pela instituição. Em 1951, é realizado pela instituição o que Braga e Prado (2011) chamam de "o primeiro desfile de modas em um museu" (p. 216). Este desfile, em colaboração com a Union Française des Arts du Costume, exibiu desde peças históricas do século XVIII às criações daquele ano de Christian Dior. O evento foi proposto por

Paulo Franco, dono da Casa Vogue, com o intuito de trazer o presente para dentro dos museus, diminuindo a distância entre estas instituições e a vida moderna. Para o desfile, Franco encomendou do pintor espanhol Salvador Dalí um traje que, ao fim da exposição, foi doado ao acervo do museu. As peças foram desfiladas em uma "passarela que serpenteava entre os Vang Gogh, Renoir e Gauguin" (BRAGA; PRADO, 2011, p. 217) na Pinacoteca do MASP.

Intitulado como um "espetáculo de arte" pelo jornal Diário de S. Paulo, o desfile de 1951 foi o primeiro contato do museu com a moda, abrindo caminho para uma relação que se reforçaria ao longo dos próximos anos. Em 1952, o MASP foi palco para o Primeiro Desfile de Moda Brasileira, evento que fazia parte de uma série de movimentações relacionadas ao campo da moda dentro da instituição que visava valorizar a produção brasileira. Outro evento relacionado à moda realizado no MASP aconteceu em 1966, no qual a artista alemã radicada no Rio de Janeiro, Olly Reinheimer (1914-1986), apresentou ao público paulistano uma série de roupas pintadas à mão com suas intervenções artísticas inspiradas por motivos peruanos e pré-colombianos que foram desfiladas no interior do museu.

Mais adiante, em 1971, o MASP sediou a Retrospectiva da Moda Brasileira, exibindo as realizações da década anterior da indústria *fashion* brasileira. Os têxteis deste evento foram todos estampados por artistas brasileiros como Manabu Mabe, Volpi, Ziraldo e Tomie Ohtake, entre outros. O memorando da instituição sobre o evento coloca que "moda, além de importante indústria, é arte."

Esta exposição foi realizada em parceria com as Indústrias Rhodia, que no ano seguinte doou oitenta das peças expostas para o museu, e foi apresentada internacionalmente. Em 2015, esta exposição foi retomada e, pela primeira vez, esta coleção foi exibida ao público em sua totalidade com o nome de "Arte na Moda: Coleção MASP Rhodia".

Apesar desta postura inicial bastante avançada por parte de um museu brasileiro e da mídia que reconhecia moda como arte, houve uma brusca desaceleração nessa relação em São Paulo nas décadas posteriores aos anos 1970. Isto não necessariamente quer dizer que o interesse do público tenha diminuído ou que a intersecção entre moda e arte tenha se enfraquecido no Brasil. Exatamente o contrário: houve um aumento

significativo nas exposições de moda na cidade a partir dos anos 2000. Exposições como a série dedicada ao trabalho de Marcelo Sommer e Rochelle Costi (2001), Monica Schoenacker e Walter Rodrigues (2001) e Ronaldo Fraga (2002) realizadas pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo; “A Moda e Leonilson” (2003) na Galeria do Hotel Lycra; "O Brasil na Ponta do Lápis - Alceu Penna, Modas e Figurinos" (2007) no Centro Universitário Senac - Campus Santo Amaro; "Viviane Westwood Shoes: 1973-2006" (2008) durante o São Paulo Fashion Week; “Christian Lacroix - Trajes de Cena” (2009) no MAB-FAAP; as exposições de moda realizadas pelo Museu da Casa Brasileira entre 2009 e 2015; bem como as mais recentes exposições "Vestindo o Tempo - 70 anos de Moda Italiana" (2019), no Instituto Tomie Ohtake, e "O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi" (2020), na Japan House São Paulo, são prova de que a moda e a *arte vestível* já consolidaram seu espaço dentro das intuições culturais na cidade de São Paulo.

### **Análise dos acervos<sup>3</sup>**

Esta análise se propõe a investigar a existência ou não de *arte vestível* dentro dos acervos do Museu de Arte de São Paulo (MASP), do Museu de Arte Moderna (MAM), do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC) e da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Dentro dos quatro acervos pesquisados, o do MASP é o único que tem como categoria *vestuário*. Isto, por si só, já se configura como um diferencial pelo fato de a instituição ser a única que considera esta categoria. Dentro do escopo provido pelo museu, pudemos contabilizar setenta e cinco peças. Quarenta e uma são vestidos, quatorze são macacões, onze são trajés (incluindo o criado por Salvador Dalí em 1949-50), dois são casacos, quatro são túnicas, uma blusa, um short e uma calça. Fica claro, porém, que, mesmo que seja um acervo relativamente numeroso para um museu de arte, as peças, com exceção da desenvolvida por Dalí, são todas doações da Rhodia e produzidas entre 1960 e 1970.

---

<sup>3</sup> Devido à pandemia global de COVID-19 que acontecia durante a realização deste trabalho, a pesquisa para este artigo realizou-se completamente por via de troca de e-mails com as instituições e pesquisas nos acervos digitais disponibilizados pelos museus. Algumas das instituições não possuem a completude de seus acervos digitalizados, o que pode ocasionar a ausência de determinadas peças ou objetos de interesse.

O Museu de Arte Moderna (MAM), por sua vez, tem em seu acervo 62 artigos compostos ou com partes constituídas por elementos têxteis. Apesar da existência de peças que poderiam ser identificadas como de vestuário, tais como "Vestido 1" (2001) de Walter Rodrigues, "Pintura Plissada" (1997) de Courtney Smith, "Vestido Botão" (2007) de Andrea Vellozo e "Sem Título" (1990) de José Leonilson, estas são classificadas como objeto e relevo em vez de vestuário ou moda, tornando-as problemáticas para esta pesquisa, já que não fica explícita uma intenção por parte do artista de que as mesmas sejam entendidas como roupa.

Como o acervo disponibilizado pelo site do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC) encontra-se em processo de digitalização de imagens, a pesquisa se deu em dois momentos: primeiro, a análise do acervo disponibilizado pelo site da instituição, e segundo, em contato com a própria instituição. Por conta do desfalque de imagens, a análise do acervo on-line aconteceu atendo-se à descrição das técnicas e materiais usados em cada peça. Desta forma, quarenta obras foram catalogadas como possuindo elementos têxteis em sua composição. Posteriormente, a representação da instituição comunicou que, destas quarenta peças, apenas dois artigos de tapeçaria são entendidos como têxteis. De qualquer forma, nenhum dos itens do museu pode ser entendido como *arte vestível*.

Dentro do acervo disponibilizado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo encontra-se uma saia e um casaco não datados de Aldo Bonadei (1906-1974), pintor brasileiro que também atuou no campo da moda e como figurinista. Há também vinte e duas peças criadas por Nino Cais para "Alegorias" (2015). Além disso, a representação do museu informou que o vestido de casamento de Tarsila do Amaral, datado de 1906, faz parte do acervo da biblioteca da instituição. Embora as peças de Bonadei sejam claramente itens de vestuário, estas não são entendidas pelo museu como *arte vestível*. As peças de Cais, por outro lado, enquadram-se na categoria de *arte vestível* por claramente possuírem uma subjetividade e terem sido produzidas como parte de uma linguagem poética.

Fica evidente neste levantamento que o acervo de *arte vestível* destas instituições museais paulistanas, seja de designers brasileiros ou estrangeiros, é bastante limitado, o que se contrapõe à tendência dos museus de arte da Europa e América do Norte no que

diz respeito ao entendimento de moda enquanto arte, bem como ao interesse do público neste tipo de exposição.

### Considerações Finais

Ao analisar os acervos dos museus de arte escolhidos é interessante salientar alguns aspectos. O primeiro é que, mesmo que o MASP tenha sido pioneiro nesta relação entre os dois campos, seu acervo de vestuário possui apenas peças que datam da década de 1960 a 1970 (com exceção do traje feito por Salvador Dalí, datado de 1949-50), o que aponta para um distanciamento da instituição em relação à moda, embora o museu possua um setor de curadoria voltado para a área<sup>4</sup>. Já a segunda diz respeito à Pinacoteca do Estado de São Paulo que, apesar de ser uma pinacoteca, possui no acervo 22 peças de *arte vestível*, todas pertencentes à mesma obra. Ainda assim, com base na catalogação do museu, podemos concluir que estas peças são preservadas por constituírem uma obra maior e não pelo seu valor autônomo. O terceiro aspecto, digno de nota, é que apesar da inexistência de artigos de moda e *arte vestível* no acervo do MAC e do MAM, ambos já sediaram eventos com esta orientação, o que pode ser entendido como uma inclinação futura destas instituições em favor desta intersecção.

### Referências

BRAGA, João; PRADO, Luís André. **História da Moda no Brasil**. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

BRIONY, Francis. **Modernidade e Modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

CLARK, Judith; HAYE, Amy De La. **Exhibiting Fashion: Before and After 1971**. Yale: University Press, 2014.

DIETZ, Thomas Walter. **Mapeamento de exposições de moda na cidade de São Paulo (1980-2018)**. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2019.<sup>5</sup>

GIBSON, Eleanor. **About Time: Fashion and Duration exhibition at The Met celebrates 150 years of fashion**. 2020.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Durante a realização deste trabalho, foi tentado contato via e-mail com a curadora adjunta de moda, Lilian Pacce, do MASP, para melhor esclarecer esta incongruência e entender melhor as políticas curatoriais do museu, porém não obtivemos retorno.

<sup>5</sup> Disponível: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11314/1/thomaswalterdietz.pdf>> Acesso: em 27/11/2020.

<sup>6</sup> Disponível <<https://www.dezeen.com/2020/10/28/about-time-fashion-and-duration-the-met-exhibition/>> Acesso: 27/11/2020.